



ENTRE A CRUZ E O TACAPE: A AÇÃO DA IGREJA NO COTIDIANO INDÍGENA DOS XUCURU-KARIRI

Lucas Emanuel Soares Gueiros *

José Adelson Lopes Peixoto **

1

Resumo: A partir do momento em que o europeu chegou a 'Nova Terra' em 1500, e estabeleceu contato com os povos nativos iniciou-se um lento processo de trocas culturais e conflitos ideológicos que resultaram em profundas transformações para os envolvidos no processo. Este acontecimento apresentado como 'O Descobrimento do Brasil' passa a ser visto como fundante do processo de construção identitária do indígena brasileiro. Partindo dessa premissa, o objetivo deste artigo é descrever as imposições e conflitos religiosos que se deu a partir do contato de nativos e colonizadores com o intuito de entender e discutir a identidade imposta ou forjada para os grupos indígenas localizados na capitania de Alagoas, em especial para os Xucuru-Kariri habitantes da zona Rural de Palmeira dos Índios. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica ancorada nos pressupostos teóricos de Darcy Ribeiro, João Pacheco, Roque Laraia, além dos estudos contemporâneos de Adelson Lopes, Christiano Marinho, Dirceu Lindoso, Ivan Barros, Júlio Melatti, e Marcondes Secundino. Os estudos bibliográficos instrumentalizaram a posterior pesquisa de campo na aldeia indígena Mata da Cafurna, do povo Xucuru-Kariri, em Palmeira dos Índios, interior de Alagoas.

Palavras-Chave: Colonização. Conflitos. História. Índios. Religião

Abstract: From the moment the European arrived at 'New Earth' in 1500, and established contact with the native peoples began a slow process of cultural exchanges and ideological conflicts that resulted in profound transformations for those involved in the process. This event presented as 'The Discovery of Brazil' is now seen as the founder of the process of identity construction of the Brazilian Indian. Based on this premise, the objective of this article is to describe the religious impositions and

* Graduando em História pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL Campus III – Palmeira dos Índios. Bolsista PIBID, membro do Grupo de Pesquisas em História Indígena de Alagoas – GPHIAL. E-mail: emanoellucas49@hotmail.com.

** Orientador: Doutorando em Ciências da Religião – UNICAP. Professor Assistente na Universidade Estadual de Alagoas, Coordenador do Grupo de Pesquisas em História Indígena de Alagoas – GPHIAL. E-mail: adelsonlopes@uneal.edu.br



conflicts that occurred from the contact of natives and settlers in order to understand and discuss the identity imposed or forged for the indigenous groups located in the Alagoas captaincy, in particular For the Xucuru-Kariri population of the rural area of Palmeira dos Índios. It is a bibliographical research anchored in the theoretical presuppositions of Darcy Ribeiro, João Pacheco, Roque Laraia, besides the contemporary studies of Adelson Lopes, Christiano Marinho, Dirceu Lindoso, Ivan Barros, Júlio Melatti, and Marcondes Secundino. The bibliographical studies instrumented the later field research in the indigenous village Mata da Cafurna, of the Xucuru-Kariri people, in Palmeira dos Índios, interior of Alagoas.

Keywords: Colonization. Conflicts. History. Indians. Religion

Considerações iniciais

Os povos indígenas que se localizavam na capitania de Alagoas, em especial os Xucuru-Kariri, passaram por diversos conflitos ou choques culturais que efetuarão mudanças na cultura e também imposições religiosas devido ao contato com os colonizadores, principalmente com as ações dos missionários da Igreja, que passaram a abominar a cultura autóctone desses povos nativos. Tal abominação, mudanças culturais e conflitos religiosos se estendem desde o período colonial até a contemporaneidade.

Tais grupos indígenas foram obrigados a largar muitas de suas práticas culturais, tal situação não aconteceu pelo fato de serem indivíduos ingênuos, mas sim como uma estratégia de resistência, por eles adotada, perante a ação dos colonizadores, que utilizaram a Igreja, ou melhor, o discurso religioso do cristianismo católico como uma das principais metodologias na tentativa de aculturar ou assimilar as sociedades indígenas. Os diversos grupos indígenas passaram por uma assimilação de elementos implantados pelo colonizador e que provocaram rupturas, modelagens culturais e a criação de um elemento novo. Dessa maneira, o interesse contido neste artigo é discutir e historicizar o dinamismo cultural ou hibridismo modelado desde os primeiros contatos, no passado, especificamente na Sociedade Xucuru-Kariri localizada nas Alagoas do período colonial.



Os estudos aqui apresentados são baseados em obras de autores que abordam temas sobre a questão étnico-cultural e identidade dos grupos indígenas, e através de trabalho de campo realizado junto ao antropólogo José Adelson Lopes Peixoto, durante os anos 2015 e 2016, na Mata da Cafurna, onde se localiza a aldeia indígena objeto desta pesquisa. Para que assim, seja possível analisar os acontecimentos do período colonial e fazer uma interpretação de como os grupos indígenas, em especial os Xucuru-Kariri adquiriram os aspectos culturais da ‘sociedade branca’ e de que forma esses aspectos interferiram ou contribuíram na modelagem da sua identidade.

A Fusão dos Povos e a formação do etnônimo Xucuru-Kariri

É necessário fazer uma análise de como viviam esses povos (Xucuru e Kariri) antes da relação com os europeus, para que assim seja possível entender as mudanças culturais e a forma como foi forjada uma identidade para os nativos, não que esses não possuíssem sua identidade antes do contato com os invasores, tinham seus próprios costumes e esses lhes davam características únicas e pessoais, distinguindo-os entre si e entre outros povos. Dessa forma, torna-se possível compreender o hibridismo cultural e as mudanças identitárias que ocorreram com esse grupo étnico a partir de uma longa relação com os ‘brancos civilizados’.

Vale ressaltar que, de início, antes de serem o povo Xucuru-Kariri, eram dois grupos diferentes: os Xucuru, oriundos de Cimbres, atual município Pesqueira, no estado de Pernambuco e os Kariri das margens do Rio São Francisco. Com a junção desses dois grupos nativos, formou-se um único grupo étnico com o etnônimo de Xucuru-Kariri.

Os Kariri eram povos nativos que viviam nas proximidades do Rio São Francisco, se alimentavam da caça de animais, da pesca e da coleta de frutos; habitavam em ocas feitas de madeiras e de folhagens de árvores. Em relação as suas moradias, Barros, diz: “[...] Não tinham casa, se abrigavam em grotas ou ocas, sob ramagens de Ouricuri ou Palmeiras.” (BARROS, 2011, p. 30). Tanto os Xucuru quanto os Kariri eram povos falantes da sua língua nativa, constituída de vocabulários autóctones, não eram praticantes da antropofagia, ou seja, não faziam o ritual de alimentação da carne humana, eram poligâmicos, possuíam várias



mulheres em suas relações; eram indivíduos que viviam nus e não se envergonhavam de sua nudez. Praticavam o incesto, seus matrimônios e suas relações sexuais eram, na maioria, endogâmicas, inclusive realizadas entre primos, nos moldes estudados por Lévi-Strauss[†]

A fusão dos Xucuru e Kariri, foi o resultado de suas fugas, por motivo da aproximação dos colonizadores que queriam usá-los como mão de obra. Eles deixaram seus habitats naturais, unindo-se para viverem nas serras do interior do Estado de Alagoas, que acabou resultando, de início, em um hibridismo cultural geográfico, pois tiveram que se adaptar a um novo território e a novos hábitos alimentares. Segundo Moreira, Peixoto e Silva:

Os aborígenes fixaram-se nessa região após terem sido escorraçados do litoral, onde o alimento era abundante. E só lhes restou uma opção: o ermo do sertão, de recursos vasqueiros, onde a terra, paupérrima de nutrientes, produzia mal e com insuficiência, não compensando, quase sempre, o esforço empregado no plantio de lavoura de subsistência. Mas tinha de ser assim, pois a insaciável cobiça do conquistador não dava valor à posse multissecular da terra pela indiada. (MOREIRA, PEIXOTO, SILVA, 2008, p. 24)

O estabelecimento de moradias em um novo espaço geográfico possibilitou mais segurança ao grupo que fugia da cobiça do colonizador, mas essa segurança se configurou passageira à medida que as serras no entorno de Palmeira dos Índios passaram a ser também desejadas pelo branco. Morar nesse 'novo' espaço territorial exigiu a adoção de nova dieta, uma vez que a vegetação e os animais disponíveis para caça eram diferentes daqueles da sua região de origem.

[†] Ver LEVI-STRAUSS, Claud. **As estruturas elementares de parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1982, p.50-63.



Costumes: transformação, modelagem e adaptação

A fusão de dois povos nativos, o Xucuru com Kariri, realizou um novo aspecto cultural, ocasionando uma primeira mudança nas concepções conjugais daquele grupo, pois deixou de haver frequentes uniões sexuais entre primos, reduzindo assim a prática do incesto. É importante dizer que esta nova prática cultural, também foi causada pela ação dos europeus, pois como já foi dito, os dois grupos uniram-se após saírem dos seus territórios de origem, em retirada, para fugir da ação nociva dos portugueses que estavam à procura de índios para serem usados como mão de obra e que obedecessem ou que se adaptassem a sua maneira 'civilizada' de viver.

A relação entre os Xucuru-Kariri e os colonizadores resultou, para os primeiros, em várias transformações, adaptações ou modelagens em seus aspectos culturais, causando abandonos de costumes originais e assimilação de novos costumes, ou seja, os nativos uniram os seus costumes antigos com os novos costumes trazidos pelo europeu; formando assim uma cultura com aspectos mesclados. Tal junção cultural fez com que os Xucuru-Kariri e a sociedade europeia se tornassem análogos em vários aspectos.

Foram os nativos da região nordeste, diferentemente daqueles que habitavam as outras regiões do Brasil, que durante o vasto período de 500 anos iniciados com a colonização mais mantiveram e ainda mantêm um maior contato com o 'homem civilizado'. Segundo Secundino:

Tais influências no decorrer dos acontecimentos históricos demonstraram uma forte conotação negativa para os grupos indígenas do Brasil contemporâneo quanto à afirmação de suas identidades, mais especificamente para os indígenas do nordeste, por terem sido submetidos ao intenso convívio com não-indígenas. Sendo o nordeste a mais antiga região de colonização do país. (SECUNDINO, 2014, p. 2 – 3)



Devido a esse longo contato, os Xucuru-Kariri adotaram o português como língua, abandonando seu idioma autóctone; que por vez ocasionou uma grande transformação na questão identitária desse povo. Tal fato veio ocorrer em muitos dos povos indígenas que habitam o Nordeste do país, em relação a isso, Melatti diz que: “Tais grupos adotaram a maior parte dos costumes da população brasileira, havendo a maioria esquecido a própria língua em favor do português.” (MELATTI, 2007, p. 35). Com única exceção, que se dá aos índios Fulni-ô (do município de Águas Belas, no interior de Pernambuco), pois esses são falantes de seu idioma original.

O abandono do idioma nativo acarretou um grande choque cultural e identitário, fazendo com que o indígena atual, no Nordeste, apresente poucos traços do nativo da época da colonização. Ao longo desse período, houve transformações, modelagens e adaptações; poucos elementos foram mantidos, tantos outros foram esquecidos e suplantados, mas emoções e sentimentos mantiveram-se (com dificuldades) dando-lhes unidade e a certeza de que são diferentes do ‘homem branco’ e esse sentimento serviu para dar continuação ou fortalecimento da unidade do grupo. Segundo Ribeiro:

Impressionam, igualmente, os grupos indígenas que, mesmo perdendo sua língua quando submetidos ao convívio com outros grupos - como costumam fazer os missionários -, também permanecem índios. Esses casos são muito mais difíceis, é verdade, porque a perda da língua é tão violenta que dificulta a comunidade a manter sua própria unidade, seu sentimento de diferença face a um grupo externo que fala a nova língua. (RIBEIRO, 2010, p. 48)

O contato do nativo com o dito civilizado acarretou esquecimentos e trocas significativas ao ponto que, no Nordeste brasileiro já não encontramos traços físicos que definam um grupo como indígena. A definição só é possível a partir de elementos culturais como a religião e o



sentimento de pertença. Contudo, isso não os faz menos índios do que os seus antepassados foram.

A evangelização e o conflito cultural

O 'branco' tinha como finalidade catequizar o índio; essa ação, porém, se ampliou e no caso dos Xucuru-Kariri europeizar passou a ser mais importante do que apenas convertê-los a um credo religioso. Transformar o nativo em um ser obediente à coroa portuguesa, à Igreja Cristã e às leis do colonizador converteu-se no grande trabalho nas missões jesuíticas, essas constituíram uma das principais causadoras de mudanças nos costumes dos autóctones e da formação de uma nova identidade para os mesmos.

Os jesuítas tinham como ofício fundamental causar transformações em alguns costumes e práticas culturais nativas taxadas como abomináveis pela Igreja e, conseqüentemente condenáveis pelo Deus dos ditos civilizados; o combate aos costumes indígenas era justificado pela afirmação da salvação das almas como fim; desta maneira, para a Igreja, era uma espécie de confronto entre as práticas 'santas' dos seguidores da Igreja versus as práticas 'satânicas' dos nativos. Esta ótica, eleva os cristãos à categoria de eleitos ou superiores, o que segundo Laraia:

É comum assim a crença no povo eleito, predestinado por seres sobrenaturais para ser superior aos demais. Tais crenças contêm o germe do racismo, da intolerância, e frequentemente, são utilizadas para justificar a violência praticada contra os outros. (LARAIA, 2001, p.73)

Pelo fato de outrora os europeus acreditarem ser o único povo civilizado, numa ação egocêntrica, iniciaram banalizações e perseguições à cultura indígena, impondo modificações no seu modo de ser e de viver. O desrespeito e a imposição são criticados por Laraia ao afirmar que: "Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros



sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.” (LARAIA, 2001, p. 74).

Dessa maneira, os ‘brancos’ imaginavam que todos os povos nativos eram idênticos e praticantes dos mesmos costumes, assim, não eram detentores de uma identidade e, portanto, não eram civilização e passaram a ser denominados de selvagens ou seres sem alma. Porém os grupos nativos eram possuidores de aspectos culturais singulares e possuíam distinção em seus hábitos, o que os caracterizam como povos e não como nação.

A ação missionária da Igreja, a partir do aldeamento de povos indígenas em Palmeira dos Índios foi uma das principais causas para que os Xucuru-Kariri abandonassem a sua língua nativa, pois segundo Darcy Ribeiro: “[...] povos reunidos e misturados em missões religiosas [...] tiveram de adotar o português como língua de comunicação entre eles, o que acabou predominando e fazendo desaparecer sua própria língua.” (RIBEIRO, 2010 p. 49). É perceptível de que os missionários tentaram constantemente destruir aquilo que fosse da cultura nativa, como estratégia de inserir os costumes da ‘civilização’ europeia; uma das grandes mudanças afetou a identidade, pois fez com que os Xucuru-Kariri esquecesse o seu idioma nativo, substituindo-o pela língua portuguesa. Ou seja, a evangelização assumiu um papel estratégico para que houvesse mudanças culturais sobre aquele povo.

É importante ressaltar que a conversão de nativos não serviria e estaria relacionada apenas a um aspecto religioso, mas também a interesses materiais para os ‘brancos’ que queriam vários indivíduos para serem usados como mão de obra. Segundo Moreau: “No Brasil, a função era catequizar os índios para aumentar a mão-de-obra agrícola. Para alguns teóricos, o trabalho de conversão seria concebido a priori como uma guerra santa contra o demônio.” (MOREAU, 2003, p. 82). Desta forma, os jesuítas foram os grandes agentes a contribuírem para a propagação da exploração e genocídio dos índios Xucuru-Kariri.

Com a chegada do Frei Domingos de São José, no ano de 1770 a Palmeira dos Índios, os Xucuru-Kariri passaram a sofrer repreensões por conta de seus costumes e práticas religiosas que eram contrários aos costumes dos ditos civilizados e a ordem cristã que não aceitava as diferenças dos demais povos. Moreau diz que “Os jesuítas se preparavam



para assumir um papel decisivo de intermediação entre índios e colonos: estarem firmes e presentes em todos os conflitos, censurando e propagando os autos-de-fé”. (MOREAU, 2003, p. 83). Dessa maneira, passou a ser pregada aos Xucuru-Kariri a palavra e a ordem de um deus civilizador anulando o direito de cultuar os deuses nativos. Com isso, foram lentamente doutrinados a participar das pregações e aderir a batismos e casamentos conforme a doutrina cristã. Segundo Moreau:

Do presente, é difícil julgar o papel da Companhia. Quis veemente proteger os índios e integrá-los honradamente à civilização dominadora, mas obrigou-os à força a largar costumes e rituais, tornando-os aculturados, frágeis e expostos ao massacre. (MOREAU, 2003, p. 83)

É importante dizer que os Xucuru-Kariri não foram aculturados, o que ocorreu foi uma pseudoaculturação, pois preservam os seus costumes religiosos e sua tradição, ou seja, não aderiram totalmente aos aspectos religiosos dos europeus. O que realmente ocorreu pela ação da Igreja e dos jesuítas foi uma segunda mudança nas concepções conjugais dos Xucuru-Kariri, pois passou a ser realizada uma cerimônia religiosa conforme o modelo imposto pelo cristianismo, dessa maneira resultou no abandono da prática poligâmica.

A adoção de convenções e padrões cristãos foi, lentamente, afastando o índio das suas formas primitivas de vida e, com o passar dos anos, isso proporcionou uma modelagem religiosa, pois esses povos assentiram e atualmente fazem uso de práticas e objetos do catolicismo como imagens de santos, terços, fé no Deus dos cristãos e culto a Nossa Senhora do Amparo[‡], entre outros elementos do culto católico. Segundo Melatti:

Nos aldeamentos coloniais dirigidos por missionários, representantes de vários grupos étnicos foram agrupados, catequizados, casaram-se entre si, passando a viver

[‡] Situação observada durante minha inserção em campo, na Aldeia Mata da Cafurna, em 01/05/2015.



segundos as normas impostas pelos catequistas, abandonando seus padrões culturais e esquecendo sua identidade original. Em muitos casos, uma nova identidade surgiu, associada à devoção ao santo padroeiro do aldeamento ou à terra que lhes foi reconhecida pela Coroa Portuguesa. (MELATTI, 2007, p. 41)

Mesmo com a adoção do cristianismo em suas crenças, que acarretou uma transfiguração étnica nos Xucuru-Kariri, esses continuam adorando aos seus deuses e realizando suas danças e rituais. E o mais importante, realizam seus rituais em segredo; não o abrem e não mostram para o 'homem branco' e nem para índios pertencentes à outras aldeias. Ou seja, mantêm viva a sua tradição religiosa unicamente entre eles. Constatando assim, que o cristianismo, as missões jesuíticas, a exploração e o longo hibridismo cultural não destruíram as práticas culturais religiosas e a identidade dos Xucuru-Kariri. Segundo Ribeiro:

[...]as culturas são imperativamente transformadas no confronto de umas com as outras. Especificamente no caso dos povos indígenas com a civilização. Mas suas identificações étnicas originais persistem, resistindo a toda sorte de violência. Onde os pais podem criar os filhos dentro de sua tradição, a comunidade indígena sobrevive. Isso ocorre mesmo nas condições mais extremas de compressão, como sucedeu a alguns grupos indígenas do vale do São Francisco. Ali, eles foram desalojados de suas terras e obrigados a perambular por décadas como mendigos maltrapilhos, mas, ainda assim, continuaram sendo índios por sua autoidentificação com uma comunidade que vem de tempos imemoriais e os reconhece como seus membros. A transfiguração étnica consiste precisamente nos modos de transformação de toda a vida e cultura de um grupo para tornar viável sua existência no contexto hostil, mantendo sua identificação. (RIBEIRO, 2010, p. 28 – 29)



Ainda que a maioria (se não todos) os costumes dos Xucuru-Kariri tenham sido influenciados pelo 'branco civilizado', causando notáveis modificações em seus caracteres culturais, enfraquecendo a tradição nativa, esse povo se mantém unido por um sentimento de pertença a um único grupo, fazendo com que se distingam dos demais indivíduos pertencentes à 'sociedade branca' ou a qualquer outra etnia indígena.

11

Xucuru-Kariri: Influência do Contato com o 'civilizado'

O contato de mais de 500 anos entre os índios e os colonizadores, ocasionou nos Xucuru-Kariri não apenas mudanças religiosas, mas também várias outras modificações em seus aspectos culturais, como as maneiras de vestir, as celebrações do dia-a-dia e também na construção de suas moradias, numa mudança descrita por Melatti afirmando que "Tanto a forma das aldeias como a forma das casas, em algumas sociedade indígenas, sofreram a influência do contato com os homens civilizados, modificando-se." (MELATTI, 2007, p. 121).

É perceptível, que esse grupo indígena aderiu a uma grande quantidade de maneiras e de costumes do europeu. Ainda segundo Melatti "[...] durante este período de quinhentos anos, as sociedades indígenas adotaram uma série de instrumentos, de hábitos e crenças dos civilizados: ferramentas, instrumentos agrícolas, dinheiro, vestuário, crenças cristãs etc." (MELATTI, 2007, p. 32)

Embora tenham aderido a vários elementos culturais de criação europeia, esse povo não deixou de ser um grupo indígena, pois todas essas mudanças nos aspectos culturais e identitários, foram propícias para assegurar a continuidade de sua existência. Qualquer resistência ao batismo ou a adoção de quaisquer dos demais elementos da civilização europeia, teria resultado na sua conversão em mão de obra escrava ou teriam sido exterminados como aconteceu com alguns povos nesse país. Segundo Ribeiro:

Nesses séculos, se transformaram profundamente. Inclusive porque só mudando podiam sobreviver, debaixo



de condições também mutantes e cada vez mais adversas. Mudando, porém, dentro de uma pauta própria, preservaram seu próprio ser. (RIBEIRO, 2010, p. 101)

Os índios tiveram que aceitar a intrusão de costumes estranhos à sua cultura, pois caso se opusessem não teriam sobrevivido, uma vez que o europeu era possuidor de um maior poder bélico, com capacidade de causar genocídios em todos os grupos indígenas. Porém, mesmo com tal assimilação “Permanecem índios do mesmo modo que os judeus e os ciganos se agarram à sua identidade.” (RIBEIRO, 2010, p. 101).

Durante o período colonial os diversos costumes do povo Xucuru-Kariri passaram a consistir em uma cultura mesclada por vários aspectos culturais adquiridos de ‘brancos civilizados’ ou até mesmo de alguns outros grupos indígenas, isso não causa implicações para a sua legitimidade cultural na atualidade. Em relação às misturas de costumes ocorridas entre os povos indígenas da região Nordeste, Oliveira afirma que:

Para que sejam legítimos componentes de sua cultura atual não é preciso que tais costumes e crenças sejam, portanto, traços exclusivos daquela sociedade. Ao contrário, frequentemente tais elementos de cultura são compartilhados com outras populações indígenas ou regionais, como ocorre, por exemplo, com os índios Tremembé e seus vizinhos, que possuem em comum um conjunto de crenças e narrativas sobre o passado e o mundo sobrenatural, que são no entanto, muito distintas daquelas da população rural do interior do Ceará (VALLE 1993 *apud* OLIVEIRA, 2004, p.27 – 28)

Devido ao contato dos Xucuru-Kariri com o europeu e também com outros grupos, passou a existir uma cultura plural, composta por elementos culturais de povos distintos, mas continuaram a possuir costumes culturais singulares em vários outros aspectos, tidos como



fronteiriços, que fizeram com que não fossem assimilados ou absorvidos pela sociedade europeia. Importante ressaltar que foi essa singularidade cultural que os mantiveram como um povo diferenciado, pois o que realmente define o indivíduo é a cultura, ainda que ela sofra múltiplas modelagens.

Apoiando-se em sua cultura e principalmente nos seus ritos religiosos, esse povo preservou e transmitiu a sua marca identitária em uma linguagem geracional que, mesmo integracionista o auto define, pois,

[...] Essa integração não significa assimilação. Mesmo quando perdem a língua e ainda quando se completa o que se poderia chamar de aculturação, ou seja, mesmo quando eles se tornam quase indistinguíveis do seu contexto civilizado, ainda assim mantêm sua autoidentificação como indígenas de um grupo específico, que é seu povo. (RIBEIRO, 2010, p. 26)

Importante dizer que embora com todas as imposições e tentativas de aculturar os Xucuru-kariri durante 500 anos, esse povo é detentor de seu próprio espaço, no caso, o território que compõe a aldeia da Mata da Cafurna, importante para a sua existência e continuidade de suas práticas econômicas, festivas e religiosas. Tal espaço se reveste de um valor indescritível para cada morador, pois a sua relação com o lugar ultrapassa o valor material e se configura em valor simbólico e em sentimento de pertença. É, pois um espaço identitário, por constituição e por simbologia, convertendo-se também em elo com o seu sagrado. Assim,

Ter uma identidade seria, antes de mais nada, ter um país, uma cidade ou um bairro, uma entidade em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse [sic] idêntico ou intercambiável. Nesses territórios a identidade é posta em cena, celebrada nas festas e dramatizada também nos rituais cotidianos. (CANCLINI, 2000, p. 190)



Os Xucuru-Kariri mesmo com modelagens culturais devido a ação dos colonos, em especial dos missionários da Igreja, são indivíduos possuidores de identidade própria, pertencentes e detentores de um território onde compartilham seu modo de vida, realizam suas tarefas cotidianas, definem e executam sua organização política, definem e implantam suas concepções religiosas e realizam suas várias comemorações, rituais e festividades.

As comemorações e festividades fizeram com que não houvesse uma aculturação, resistindo a doutrinação e ao catecismo do cristianismo católico, pois apesar dessas práticas coletivas, passaram a existir (como estratégia de resistir a ação do 'branco') entre os Xucuru-Kariri algumas práticas que passaram a serem restritas apenas àqueles membros da etnia que estão preparados espiritualmente para tal atividade, por ser de cunho religioso e sagrado. Segundo Lindoso:

[...] um catecismo não é uma técnica ingênua, mas uma brutal técnica de desmerecimento da cultura do outro: das formas de representação da religiosidade nativa que encerra a cultura tapuia-Kariri, do ritual das formas religiosas indígenas, da criação dos costumes religiosos dos índios. E por isso, ao perceberem que a missão religiosa cristã era uma técnica de desrespeito e de destruição de seu sentimento de religiosidade nativa, foi que os índios tapuia-Kariri passaram a ocultar, dos olhos dos missionários, os seus Aricuri ou Ouricuri, como hoje chamam o seu ritual religioso coletivo anual. (LINDOSO, 2011, p. 56)

Nessa ótica, os elementos religiosos nativos silenciados ou ocultados aos olhos dos 'brancos' como estratégia para a continuidade de suas práticas nativas religiosas fizeram com que os indígenas não fossem assimilados. Os indivíduos que nascem e são pertencentes à aldeia dos Xucuru-Kariri na Mata da Cafurna são possuidores e praticantes de



costumes que são predominantes naquele local; é no seu território que vão moldando as características culturais adquiridas dos antecessores e transmitidas aos sucessores, ininterruptamente. Tal ideia é corroborada por Laraia ao afirmar que “O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam.” (LARAIA, 2001, p.46). Sendo assim, os indivíduos são aprendizes de uma educação informal e tornam-se detentores dos costumes milenares deste grupo étnico. Logo, sua identidade é formada, ligada ao etnônimo Xucuru-Kariri.

A formação de Palmeira dos Índios e o seu posterior crescimento relegou os Xucuru-Kariri as serras no seu entorno, onde passaram a viver às margens do progresso citadino, condição que os impulsionou ao estreitamento do contato entre os dois mundos, pois na cidade passaram a usufruir de produtos e de serviços inexistentes na aldeia. Esse contato, inicialmente comercial, afunilou para um contato cultural onde ambas as partes assumiram ganhos, perdas, rupturas e silenciamentos.

Atualmente, a fronteira que existe entre aldeia e cidade pode proporcionar uma relação amistosa entre os Xucuru-Kariri estranhos da cidade e os ‘homens brancos’ que são estranhos na aldeia, ou seja, o hibridismo cultural proporciona uma interculturalidade pois existe uma maior comunicação de ambas as partes. Por exemplo: os indígenas possuem uma considerável fonte de renda com a produção de artesanatos e venda de legumes que saem da aldeia para serem comercializados na cidade, podem ir ao médico moderno ou recorrer ao pajé, ou seja, utilizam de ambas as medicinas (moderna e tradicional). Segundo Canclini:

[...] hoje todas as culturas são de fronteira. Todas as artes se desenvolvem em relação com outras artes: o artesanato migra do campo para a cidade; os filmes, os vídeos e canções que narram acontecimentos de um povo são intercambiados com outros. Assim as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento. (CANCLINI, 1997, p. 29).



É importante dizer, que mesmo os 'brancos' podendo frequentar a aldeia da Mata da Cafurna e participar ou conhecer alguns eventos culturais dos Xucuru-Kariri, existindo então uma pluralidade cultural entre indivíduos de ambas as sociedades; o hibridismo cultural não atinge o ritual que é realizado de maneira fechada, por ser revestido de enorme importância para a identidade Xucuru-Kariri, pois é a única prática em que o 'branco' não conseguiu adentrar e ter conhecimento, com isso, tal atividade continua sendo o principal ícone da identidade indígena.

O hibridismo cultural resultante do contato entre as culturas nativa e europeia (embora tenha ocorrido uma opressão dos portugueses sobre os indígenas) não veio a promover a destruição ou aculturação dos Xucuru-Kariri, o que ocasionou foram modelagens na cultura e em sua questão identitária. A hibridez fez com que os Xucuru-Kariri resignificassem suas habitações, tirando proveito de vários outros aspectos tecnológicos do 'civilizado' sem que ocasionasse uma perda de identidade ou o abandono de ritos tradicionais pelos novos, já que são forjados dentro dos ensinamentos dos seus antepassados. Segundo Luciano

Entrar e fazer parte da modernidade não significa abdicar de sua origem nem de suas tradições e modos de vida próprios, mas de uma interação consciente com outras culturas que leve à valorização de si mesmo. Para os jovens indígenas, não é possível viver a modernidade sem uma referência identitária, já que permaneceria o vazio interior diante da vida frenética aparentemente homogeneizadora e globalizadora, mas na qual subjazem profundas contradições, como a das identidades individuais e coletivas. (LUCIANO, 2006 p. 40)

Os índios mais velhos foram e são uma peça fundamental para que seja possível a continuidade da identidade e reafirmação dos Xucuru-Kariri, pois foram eles que viveram os vários períodos de opressão, que resistiram e mantiveram vivas as práticas tradicionais passando-as



cotidianamente para os mais novos como garantia para que a história e a tradição do grupo não desapareçam.

Considerações finais

Desde a fusão ocorrida entre os Xucuru e os Kariri, esse povo passou por várias modificações em sua cultura, porém as maiores transfigurações foram em sua identidade e se deram a partir do contato com os europeus que os trataram como selvagens ou indivíduos sem alma e sem cultura, como páginas em branco que aceitariam qualquer ordem ou dominação.

No processo estratégico de tentar implantar sua cultura e o seu pensamento, os europeus classificaram as práticas indígenas como satânicas, passando a combatê-las à medida que encerravam o povo nas missões, cumprindo ordens da Coroa portuguesa e da Igreja.

Os jesuítas, encarregados das pregações da doutrina cristã, visando romper as práticas religiosas nativas e substituí-las pelas práticas religiosas e comportamento moral que agradasse a Igreja e ao Deus cristão. Dessa ação desencadeou-se um conjunto de trocas que passaram a serem denominadas de 'sincretismo' na religiosidade dos Xucuru-Kariri, que adotaram costumes, silenciaram desejos e criaram uma resistência silenciosa que os ajudou a conviver com a modernidade e manter suas práticas ritualísticas reservadas apenas aos seus pares.

Embora o longo contato durante o período colonial com o 'civilizado' que se estende até a contemporaneidade tenha ocasionado várias mudanças significativas no grupo, como por exemplo, a substituição da língua nativa pela língua portuguesa e a modificação nos traços físicos (fruto dos cruzamentos interétnicos), é na religiosidade que reside um fator fundamental para a continuidade ou resistência de sua identidade étnica, pois é com ela, (embora com muita resistência) que não foram aculturados ou assimilados pela sociedade europeia e continuaram a serem reconhecidos como indígenas pela sociedade e atualmente pela população do município de Palmeira dos Índios e do Estado de Alagoas. A religião contribuiu bastante para a distinção e não aniquilamento do grupo pela sociedade brasileira, criando para o indivíduo da aldeia um



forte sentimento de pertencimento a um grupo fechado, diferenciado e vivo no exercício de suas práticas tradicionais.

Apesar de o europeu ter implantado várias regras religiosas e morais e de ter conseguido adentrar em vários aspectos culturais deste povo, foi silenciando algumas vezes, fingindo aceitar as imposições, outras vezes e não resistindo belicamente que os Xucuru-Kariri sofreram apenas modelagens e algumas perdas em sua cultura tradicional e evitaram o extermínio. O choque foi inevitável, a modelagem é visível, mas a pertença e a identidade étnica continuaram vivas e foram renovadas e transmitidas às novas gerações, assegurando sua existência e o desejo de permanecer aldeados no território onde os seus conhecimentos tradicionais criam e recriam a unidade e o desejo de continuar sendo secularmente Xucuru-Kariri.

18

Referências

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 2000. (Ensaio Latino-americanos, I).

LINDOSO, Dirceu. **O Grande Sertão**: Os currais de boi e os índios de corso. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira (FAP), 2011.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

MOREIRA, Ana Cristina de Lima; PEIXOTO, José Adelson Lopes; SILVA, Tiago Barbosa da. **Mata da Cafurna**. Ouvir memória, contar história. Tradição e cultura do povo Xucuru-Kariri. 2.ed. Maceió: Catavento, 2010.



MELATTI, Julio César. **Índios do Brasil**. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo (edusp), 2007.

OLIVEIRA, João Pacheco, **A viagem da volta**: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. João Pacheco de Oliveira (org.). 2ª ed. Contra Capa Livraria / LACED, 2004.

RIBEIRO, Darcy. **Falando de índios**. Apresentação Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro; Brasília, DF: Editora UnB, 2010.

SECUNDINO, Marcondes Araújo. Dialética da redemocratização e etnogênese: emergências das identidades indígenas no Nordeste contemporâneo. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, v. 14, n. 1+ 2, 2011.